

Comunicação, futebol e antifascismo: a cobertura jornalística das manifestações políticas de rua de torcedores organizados em 2020

Communication, football and anti-fascism: the news coverage of the street political demonstrations of organized football fans in 2020

FELIPE TAVARES PAES LOPES

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba Brasil

É docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Possui graduação em Comunicação Social pela Escola Superior de Propaganda e Marketing, graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado na mesma área pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio pós-doutoral na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas e no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas. Contato principal para correspondência.

MURILO ARANHA GUIMARÃES MARCELLO

Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba Mestre e doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba

RESUMO

Neste artigo, objetivamos compreender como integrantes de torcidas organizadas foram simbolicamente construídos em matérias jornalísticas sobre as manifestações de rua a favor da democracia e contra o avanço da extrema direita realizadas em meados de 2020. A fim de alcançar esse objetivo, realizamos uma análise de discurso de orientação construcionista de matérias publicadas na Folha de S. Paulo, no Estado de S. Paulo e nos portais G1 e R7. Entre outras coisas, essa análise nos mostrou que essas matérias associaram, direta ou indiretamente, esses integrantes ao exercício da cidadania. Por outro lado, os associaram, em diversos momentos, a práticas violentas e a tomadas de posição irresponsáveis.

Palavras-chave: Mídia; Futebol; Antifascismo.

ABSTRACT

In this article, we aim to understand how members of organized groups of supporters were symbolically constructed in journalistic articles about street demonstrations in favour of democracy and against the advance of the extreme right-wing in mid-2020. In order to achieve this objective, we carried out a constructionist-oriented discourse analysis of articles published in Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo and in Internet portals G1 and R7. Among other things, this analysis showed us that these articles directly or indirectly associated these members with the exercise of citizenship. On the other hand, they associated them with violent practices and irresponsible positions.

Keywords: Media; Football; Anti-fascism.

INTRODUÇÃO

Este artigo situa-se no campo de estudos sobre Comunicação e Esporte e tem como objeto o tratamento dado pela imprensa às torcidas organizadas de futebol (a partir daqui, TOs). Esse tratamento tem sido discutido desde o início dos anos 2000 em vários estudos (TORO, 2004; HOLLANDA, 2009; LOPES, 2013; 2018; 2019; 2020), que indicam, entre outras coisas, que foi, na segunda metade da década de 1980, e, principalmente na primeira metade dos anos 1990, depois de uma série de graves incidentes, que o comportamento dessas torcidas começou a ser censurado de forma sistemática pelos meios de comunicação. Neste período, as TOs passaram a ser tratadas por esses meios como um problema de segurança pública, sendo responsabilizadas pelos atos violentos e vandálicos dentro do contexto futebolístico. Tais estudos também mostram que o tratamento midiático dado a elas envolve, com frequência, o uso de metáforas que associam seus integrantes ao universo da patologia. Eles seriam um “câncer”, uma “excrecência”, um “vírus”. Conforme Lopes (2020), ao mesmo tempo em que reveste esses torcedores com as imagens da ameaça e do perigo, a imprensa tende a fazer crer que as relações estabelecidas no universo do futebol são essencialmente pacíficas e que, por essa razão, tais integrantes seriam não-torcedores.

Embora a literatura científica mostre que o discurso midiático predominante sobre as TOs seja estigmatizante, não podemos perder de vista, conforme nos indicam essas mesmas pesquisas, que existem brechas, dentro do campo jornalístico, para produções discursivas alternativas. Afinal, esse campo é, como diria Bourdieu, um espaço de disputas, que segue uma lógica específica de interesses, onde “[...] há dominantes e dominados, há relações permanentes de desigualdade, que se exercem no seu interior” (BOURDIEU, 1997, p. 57). Com efeito, é possível pensarmos na possibilidade de detectarmos momentos críticos e subversivos na produção jornalística sobre as TOs. Diante disso, neste artigo, objetivamos compreender como seus integrantes foram simbolicamente construídos em matérias jornalísticas sobre as manifestações de rua a favor da democracia e contra o avanço da extrema direita realizadas em meados de 2020 em algumas das principais capitais do país. Manifestações que, embora não tenham contado com a participação oficial das TOs, foram organizadas pelas suas alas progressistas e antifascistas.

Nossa hipótese era que, devido ao caráter crítico ao governo Jair Bolsonaro dessas manifestações, a chamada “grande mídia” teve de reformular seus discursos sobre as TOs, avaliando-as de forma positiva – o que, como veremos, se confirmou apenas parcialmente. Afinal, ainda que, em vários momentos, ela sirva aos interesses das classes dominantes – perseguindo, de forma seletiva e sistemática, movimentos sociais e partidos de esquerda e se posicionando a favor da agenda neoliberal; no momento em que foram realizadas as manifestações, parte dela já começava a questionar os arroubos autoritários do governo Bolsonaro, além de expressar

forte descontentamento com a gestão da pandemia da COVID-19 – que, até aquele momento, já havia retirado a vida de aproximadamente 50 mil brasileiros.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

No plano teórico, realizamos uma análise de discurso de orientação construcionista. Sendo assim, contrapondo-nos a uma concepção cartesiana de linguagem, que entende que esta é uma mera roupagem que utilizamos para “vestirmos” nossas ideias e apresentá-las ao mundo exterior, entendemos que a linguagem participa ativamente da criação da vida social – produzindo identidades, relacionamentos, práticas sociais etc. –, ao mesmo tempo em que é por ela constituída e regulada. Afinal, faz parte da sociedade; não é algo externo a ela. Em outras palavras, partimos do pressuposto de que a linguagem e a sociedade estabelecem uma relação de dualidade interna e estrutural. Assim, seguindo essa lógica de raciocínio, consideramos que o discurso pode ser definido como um conjunto de práticas linguísticas que estabelecem ou sustentam certas relações sociais e que sua análise deve identificar as maneiras por meio das quais essas práticas fazem isso (IÑIGUEZ, 2002).

No plano metodológico, adotamos os seguintes procedimentos: primeiro, buscamos selecionar discursos que fossem representativos daqueles veiculados na “grande mídia” sobre as manifestações das TOs. Assim, optamos por trabalhar com quatro jornais/ portais de notícia, a saber: a Folha de S. Paulo (a partir daqui, FSP), o Estado de S. Paulo (a partir daqui, ESP), o G1 e o R7. A escolha por esses jornais/ portais deve-se ao fato de possuírem uma ampla circulação em todo território nacional. Especialmente em relação ao R7, sua escolha também se deve ao fato de ele estar mais alinhado ao governo Bolsonaro. Assim, interessava-nos saber se havia alguma diferença significativa em relação à sua cobertura das manifestações.

Uma vez decididos os jornais/ portais, fizemos uma busca nas suas bases de dados digitais, cruzando as seguintes palavras-chave: “torcidas organizadas”, “torcidas antifascistas”, “antifascismo”, “atos antifascismo”, “manifestações antifascismo” e “democracia”. Nessa busca, estabelecemos uma delimitação temporal: pesquisamos matérias publicadas apenas entre o início de maio e o fim de junho de 2020, uma vez que foi nesse período que aconteceram as manifestações das TOs. Todo material encontrado foi salvo no computador e lido na íntegra. A partir dessa leitura, selecionamos as matérias que abordavam mais diretamente as referidas manifestações.

Uma vez selecionadas as matérias, deduzimos, de cada uma delas, sua macro proposição central, que sintetiza sua temática principal e nos oferece uma visão global de seu conteúdo (VAN DIJK, 2003). Feito isso, examinamos como esses materiais representaram as manifestações de rua, focalizando a construção de um ator específico: as TOs. Para tanto, verificamos como essas torcidas foram nomeadas e caracterizadas, assim como as ações que lhes foram atribuídas. Também buscamos analisar como as referidas manifestações foram descritas e saber quem foi apontado como seu agente e sobre quem foram projetadas suas consequências (ROJO, 2005). Por fim, identificamos as fontes consultadas.

AS TORCIDAS ORGANIZADAS E SUA PARTICIPAÇÃO NAS MANIFESTAÇÕES DE RUA DE 2020

No Brasil, os primeiros agrupamentos organizados de torcedores surgiram no fim dos anos 1930 e começo do anos 1940. Esses agrupamentos possuíam bandas próprias, chamadas de charangas, e gozavam de prestígio na mídia, pois eram vistas como ordeiras. Ademais, seus líderes, normalmente, eram pessoas conhecidas do grande público e possuíam boa relação com os dirigentes do clube. Todavia, foi apenas no fim da década de 1960, durante os chamados “anos de chumbo” da ditadura civil-militar (1964-1985), que surgiram as atuais TOs. No período, o futebol brasileiro tornava-se mais profissional e midiático, com as primeiras transmissões ao vivo e a cores e com a consolidação de um campeonato nacional de clubes. O período também foi marcado por prolongados tumultos sociais que desafiavam a ordem vigente e pela emergência formas alternativas de vida e subculturas juvenis, que serviram de inspiração para jovens torcedores. Tanto que muitas das torcidas fundadas na época levam o adjetivo “jovem” no nome (TEIXEIRA, 2003; HOLLANDA, 2009).

Além de adotarem um estilo de torcer mais participativo, as TOs da segunda geração passaram a reivindicar autonomia face aos referidos dirigentes, operando como um mecanismo de pressão no universo do futebol – o que as levaram a realizar diversos protestos ao longo de sua história, sobretudo contra maus-resultados e contra o preço dos ingressos (HOLLANDA, 2009). Apesar dessa busca por autonomia, em diversos momentos, acabaram sendo aliciadas por tais dirigentes (CANALLE, 2020).

Num primeiro momento, as TOs não eram estigmatizadas pela imprensa como violentas, apesar de já sofrerem algumas críticas por vaiarem os jogadores após maus resultados. Todavia,

na segunda metade dos anos 1970, isso começou a mudar e os conflitos violentos entre elas ganharam mais visibilidade midiática. Esses conflitos intensificaram-se nos anos 1980 e, principalmente, nos anos 1990, com a ocorrência de uma série de tragédias, como a batalha campal do Pacaembu (LOPES, 2013). A partir de então, as TOs passaram a ser caracterizadas, fundamentalmente, como agrupamentos violentos, incompatíveis com a “modernização” do futebol. Apesar dessa caracterização, não podemos perder de vista que elas operam como um importante ator político dentro do universo do futebol, fazendo parte, hoje em dia, da luta global contra o processo de (hiper)mercantilização do espetáculo futebolístico, cada vez mais atrelado à lógica mediática e do capital (LOPES, HOLLANDA, 2018). Em algumas ocasiões, participaram também de lutas sociais mais amplas, que extrapolaram o universo futebolístico – tais como a luta a favor da anistia a perseguidos políticos ou contra as máfias da merenda escolar em São Paulo.

Diante desse histórico de lutas, não chega a ser surpreendente que seus integrantes tenham organizado as manifestações contra o avanço da extrema direita no Brasil e a favor da democracia. Manifestações que ocorreram em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília, nos meses de março e junho de 2020, no momento em que o Brasil atravessava a grave crise sanitária produzida pela pandemia da COVID-19 e em que assistia, semanalmente, manifestações de rua a favor de pautas antidemocráticas, como o retorno do regime militar. Cabe destacar, todavia, que a referida organização se deu de forma autônoma, sem a participação oficial de nenhuma TO. Afinal, suas lideranças temiam retaliações políticas, que poderiam prejudicar as associações, assim como a criação de rachas internos, uma vez que a oposição ao governo Bolsonaro não era unânime dentro de seus quadros associativos.

RESULTADOS

A fim de facilitar a leitura dos resultados da análise da cobertura jornalística das manifestações, optamos por organizar sua apresentação por veículo. Começamos pela FSP.

A COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO

Ao analisarmos as peças jornalísticas publicadas na FSP, notamos um deslocamento do enfoque de seus discursos: as TOs e suas manifestações foram perdendo protagonismo e outros atores e temas entraram em pauta e ganharam destaque, como os partidos políticos, os movimentos sociais e as divisões no campo da esquerda. Esse deslocamento pode ser explicado pelo fato de a participação dessas torcidas ter, com o tempo, perdido seu caráter inesperado. Ademais, as próprias lideranças prontamente se manifestaram a fim de desvincularem qualquer ligação oficial entre suas associações e os protestos – inclusive, as primeiras matérias sobre as manifestações foram publicadas no caderno de Esporte e, só depois, passaram a ser publicadas no caderno Poder. Em outras palavras, a FSP configurou os protestos primeiramente como um fenômeno de interesse esportivo e, só depois, político – ao menos se entendermos política num sentido mais restrito, referindo-se àquilo que diz respeito ao parlamento, aos partidos e ao jogo político-institucional em geral.

Outro aspecto a ser destacado é que, diferentemente do que ocorre quando o tema é violência no futebol, as lideranças das TOs serviram de fonte de informação. Nesse sentido, a FSP contribuiu para romper com o silenciamento habitualmente imposto a essas torcidas, assimilando outros pontos de vista além dos “oficiais” – o que, certamente, contribuiu para promover a empatia e refinar a compreensão dos eventos. A imagem positiva das TOs foi construída, principalmente, nas matérias veiculadas logo após as primeiras manifestações. Por exemplo, no texto intitulado “Como e por que torcidas organizadas realizam ato pro democracia”, as TOs são representadas como entidades capazes de superar suas divisões e diferenças para lutar a favor do bem de todos. Em outras palavras, elas estariam ao lado da civilização e não da barbárie. O seguinte trecho é ilustrativo:

Membros de torcidas mais conhecidas e braços antifascistas delas se uniram em marcha pela defesa da democracia. [...] O grupo responsável pelo protesto reúne diversas lideranças e membros de movimentos organizados do futebol — sem barreiras por suas preferências clubísticas. Em tempos de pandemia, o diálogo é realizado pelas redes sociais e quer abranger o máximo possível de torcedores.

O artigo “E não é que outra vez o futebol e a política se misturam para chocar alienados?”, assinado por Juca Kfoury, é particularmente relevante para o exame da desconstrução da imagem negativa das TOs. Ainda que o jornalista já tenha assinado artigos críticos a essas torcidas (LOPES, 2019), no texto em questão, afirmou que as “alas pela democracia” das TOs estavam do lado dos valores iluministas e da democracia brasileira e identificou essas alas como [...] “cidadãos torcedores de futebol a favor das liberdades nas ruas do país”. Como observa Rojo (2004), organizamos a percepção do mundo ao nosso redor por meio de categorias e o emprego

dessas categorias é arbitrário, ou seja, os manifestantes poderiam ter sido nomeados das mais diferentes formas – e efetivamente foram. Tanto que, na declaração de um bolsonarista à FSP, foram chamados de “terroristas” e de “criminosos”. Termos que possuem efeitos discursivos muito diferentes dos da categoria “cidadão”. Afinal, enquanto deles emana uma linha de demarcação, nitidamente maniqueísta, que separa um “nós-civilizados” de um “eles-bárbaros”; a referida categoria não só integra, fazendo dos torcedores-manifestantes merecedores dos mesmos direitos de qualquer brasileiro, como também lhes coloca uma “aréola moral”, posicionando-os como agentes críticos, que lutam por valores nobres, como a liberdade.

Além de associar os integrantes das TOs (ou, ao menos, parte deles) ao exercício da cidadania, Juca Kfoury refutou a ideia, amplamente disseminada pela imprensa, de que essas torcidas seriam essencialmente violentas: “[...] os outros, generalizadores, com certa razão, desconhecem, no entanto, os estudos e pesquisas sobre violência das organizadas, todos a demonstrar ser de, no máximo, 7% os membros violentos, impunes por inépcia das autoridades”. A fim de legitimar seu argumento, o autor recorreu à autoridade científica, fortalecida pelo uso do pronome indefinido “todos”, que faz crer numa convergência dos resultados das pesquisas sobre o tema^[1]. Outro aspecto interessante de ser observado no trecho supramencionado é que, ainda que de forma atenuada (“os outros generalizadores, com certa razão, desconhecem”), o jornalista criticou os críticos das TOs, classificando-os, implicitamente, como ignorantes. Essa crítica foi reforçada no parágrafo subsequente: “curiosamente, ou não, quem generaliza um lado aplaude a violência do outro, bem personificada nas polícias daqui e pelo mundo afora, como se vê, mais uma vez, nos Estados Unidos”. Ao mesmo tempo em que generalizariam a violência dessas torcidas, interligando todos seus membros numa identidade deteriorada, tais críticos ocultariam a violência promovida pelos aparelhos repressivos de Estado. Em outras palavras: sua indignação com a violência seria parcial e seletiva.

Os conflitos violentos entre manifestantes e entre estes e os aparelhos repressivos de Estado, que caracterizaram principalmente o ato do dia 31 de maio, não deixaram, todavia, de receber a atenção da FSP. Na verdade, o título da primeira matéria sobre as manifestações já chamava a atenção para esses conflitos: “Ato de torcedores na Paulista acaba em confronto”. Aqui, o jornal optou por estabelecer, mais uma vez, a habitual associação entre TOs e violência, reforçada pelo subtítulo: “Manifestantes contra Bolsonaro entram em choque com apoiadores do presidente e PM”. A despeito de reforçar essa associação, a FSP deu voz aos integrantes dessas torcidas, que apresentaram sua própria versão do ocorrido, sugerindo que as TOs apenas reagiram a uma provocação dos grupos de extrema direita. Segundo o depoimento de Rodrigo Pássaro, integrante dos Gaviões da Fiel, do Corinthians:

A polícia passou escoltando um grupo com camisetas de organizações neonazistas e outro com fardas de militares, dando simbolismo de intervenção militar. Passaram bem no meio da nossa manifestação quando estávamos indo embora. Isso iniciou o tumulto, e a polícia começou a atirar bombas e balas de borracha.

Em matérias posteriores, a questão da violência voltou à tona novamente. Isso se deu sobretudo por conta da proibição da Justiça da realização de manifestações favoráveis e contrárias ao governo Bolsonaro no mesmo dia e local.

Outro tema abordado pela FSP foi a do risco decorrente da aglomeração de pessoas durante a pandemia de Covid-19. Esse tema foi ganhando maior destaque ao longo das matérias, principalmente após movimentos e partidos de oposição ao governo Bolsonaro se dividirem entre apoiar ou não os atos, em função justamente da grave crise sanitária que assolava o país naquele momento. Essa divisão foi enfatizada, por exemplo, no seguinte título: “Convocação de atos de rua pró-democracia ganha força, mas ideia divide grupos durante pandemia”. Aqueles que optaram por sair às ruas, como a Frente Povo Sem Medo, movimentos negros^[2] e integrantes de TOs foram objeto de críticas do jornal, principalmente na matéria intitulada “Movimentos de esquerda, com Boulos, e torcedores ignoram pico da pandemia e mantêm ato anti-Bolsonaro em SP”. Independentemente das intenções do jornal ao destacar a figura do Guilherme Boulos^[3], é interessante notar que ela, assim como a dos torcedores, é recoberta pela imagem da irresponsabilidade. Imagem reforçada na introdução do texto:

Nesta quinta-feira (4), o país chegou a 1.473 mortes em 24 horas, o que significa que a doença já mata mais de um brasileiro a cada minuto. O Brasil também cruzou a marca de 34 mil mortes e ultrapassou a Itália, país que simbolizou primeiro a tragédia da pandemia. A aglomeração esperada na manifestação contraria as recomendações de médicos e especialistas para evitar a propagação do vírus.

A apresentação do número de mortes e a comparação com a Itália conferiu dramaticidade à epidemia, contribuindo para persuadir o leitor de sua gravidade e, conseqüentemente, tornar a convocação para o ato moralmente condenável. Nos parágrafos subsequentes, a FSP deu voz aos organizadores do protesto, que explicaram que foram tomadas medidas de prevenção, como a distribuição de máscaras e álcool em gel. Também justificaram sua posição observando que, apesar do momento sanitário, era preciso defender a democracia. No final do texto, todavia, a FSP citou uma nota – assinada, por entre outras entidades, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – contrária à realização de atos de rua naquele momento. Tal nota, observou o jornal, tinha o endosso da Comissão Arns de Defesa dos Direitos Humanos, da Academia Brasileira de Ciências (ABC), da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A menção a essas entidades não foi à toa: serviu para legitimar o posicionamento do jornal (contrário à manifestação), na medida em que transferiu sua autoridade para ele e, com isso, lhe conferiu força simbólica.

A COBERTURA DO ESTADO DE S. PAULO

Assim como a cobertura da FSP, a do ESP apresentou posicionamentos diversos (e, por vezes, conflitantes até) em relação às TOs. Por exemplo, na primeira matéria sobre o tema, intitulada “Manifestação contra o governo Bolsonaro termina em confronto com a PM e com apoiadores do governo”, o jornal deu ênfase à questão da violência, como fica claro no próprio título e no seguinte trecho:

A confusão, que durou ao menos uma hora, tomou conta da avenida e deixou um rastro de destruição: vidros quebrados, caçambas de lixo e entulho revirados e fogo ateado em objetos no meio da via. Seis pessoas foram detidas, segundo a PM. [...] A PM passou a usar bombas de gás lacrimogêneo para dispensar os manifestantes. A partir daí a confusão aumentou e se estendeu por boa parte da avenida Paulista, em direção ao metrô Consolação. Um grupo passou a jogar pedras e outros objetos contra os policiais. Outros fizeram barricadas com uma caçamba de lixo. O disparo de bombas durou ao menos 40 minutos.

Notemos que a retórica utilizada aqui possui uma dimensão melodramática. Nesta, os manifestantes são agentes de ações vandálicas e violentas, o que tende a suscitar a indignação do leitor e a fazê-lo perceber o ato de forma negativa. Importante observar, também, a forma como o jornal se referiu a ele no seguinte trecho: “um ato contra o governo Jair Bolsonaro, autointitulado pró-democracia e antifascista e organizado por grupos ligados a torcidas de futebol na Avenida Paulista”. O uso do adjetivo “autointitulado” cria certo distanciamento da posição do jornal em relação à forma como os organizadores do protesto o representam, colocando em questão o posicionamento democrático e antifascista do grupo^[4].

Já na matéria “Torcidas organizadas planejam novos atos a favor da democracia e contra Bolsonaro”, publicada no dia seguinte à matéria supramencionada, o ESP não fez mais uso do adjetivo “autointitulado”, fundindo, de certa forma, sua posição com a dos organizadores. Outro aspecto relevante é que, conforme fica claro já no título, as TOs foram valoradas positivamente, na medida em que foram associadas à defesa de um sistema político que tende a ser percebido como justo e digno de apoio^[5]. A construção dessa imagem positiva foi favorecida pelo fato de a matéria em questão privilegiar a perspectiva dos torcedores^[6]. Apoiando-se em suas falas, sublinhou, no corpo do texto, suas iniciativas de aproximação e diálogo com as torcidas rivais, conforme indica o seguinte trecho: “No entanto, houve um esforço para que outras torcidas também participassem. ‘Temos pessoas que conhecem lideranças de outras torcidas e que fizeram o contato para selar a participação. Se está pela democracia, pode se somar. Não importa o time’, completou.” Mesmo quando abordou os confrontos violentos ocorridos no evento, o fez a partir da versão dos torcedores:

A confusão, que durou ao menos uma hora, tomou conta da avenida e deixou um os participantes afirmam que o confronto iniciado na sequência com a Polícia Militar (PM) teve como estopim uma provocação feita por militantes pró-Bolsonaro, que estavam em outro ponto da Avenida Paulista e se aproximaram do grupo com faixas, bandeiras e xingamentos.

Após os confrontos do ato de 31 de junho, assim como a FSP, o ESP destacou os impasses relativos à realização de manifestações favoráveis e contrárias ao governo Bolsonaro no mesmo dia e local – abordados na matéria “Acordo entre PM e manifestantes falha, e Paulista deve ter três atos” – e a subsequente proibição da justiça – tratada na matéria “Após decisão judicial, movimentos pró-democracia remarcam atos para o Largo do Batata”. Nesta última, o jornal deu, mais uma vez, voz aos organizadores do ato, que criticaram a decisão da justiça, afirmando tratar-se de uma violação do direito à manifestação. Também criticaram o uso da força por parte da PM, vista por eles como desigual, além de terem afirmado adotar medidas de prevenção à Covid-19.

■ A COBERTURA DO G1

A cobertura do G1 também ressaltou os confrontos ocorridos nas manifestações dos torcedores, principalmente contra a PM. Esses confrontos foram mencionados em alguns títulos e subtítulos, como exemplifica o da seguinte matéria: “Ato pró-democracia em SP começa pacífico, encontra grupo pró-Bolsonaro e termina em confronto com PM.” Ao longo da matéria, todavia, o portal esclareceu que o estopim da confusão foi a exibição de uma bandeira com um símbolo neonazista, utilizada por apoiadores do Bolsonaro. Esse esclarecimento foi feito apoiado no seguinte depoimento de um coronel da PM: “a informação que me chegou da polícia é de que tinha isso, que chegou lá pessoal com bandeira neonazista, com alguma referência a neonazismo, e que isso teria provocado a agressão dos demais a essas pessoas”.

Além de enfatizar os confrontos, a cobertura do G1 enfatizou, em alguns momentos, as diferenças e divisões entre os integrantes do grupo pró-democracia, sublinhando as características que os desunem e que podem impedi-los de constituir um desafio efetivo à ordem social vigente, como exemplifica o seguinte extrato: “um pequeno grupo de manifestantes mascarados quebrou a vidraça de uma agência bancária, mas logo foi repellido pelos membros do movimento negro, que gritavam para que eles parassem de depredar o espaço e não desvirtuassem a manifestação”.

Por fim, cabe destacar que tal cobertura obscureceu o papel das TOs nas manifestações a favor da democracia. Prova disso é que os títulos de suas matérias utilizaram categorias genéricas,

tais como “manifestantes” ou “grupos”. Apenas no corpo dessas matérias foram empregadas categorias mais específicas, como “torcedores de futebol” ou “torcedores antifascista”. No entanto, ainda assim, sem um vínculo direto com as TOs. Vale salientar, também, que os integrantes dessas torcidas não foram utilizados como fonte de informação. O G1 privilegiou as autoridades públicas, especialmente representantes da PM. Apesar dessa escolha, não deixou de criticar suas ações, sugerindo que foram parciais, privilegiando a repressão contra um dos lados: o dos torcedores. O extrato a seguir é ilustrativo: “A Polícia Militar também entrou em confronto com o grupo pró-democracia e lançou bombas de gás lacrimogêneo. Os torcedores reagiram jogando pedras e paus”. Aqui, o uso do verbo “reagir” sugere que a violência desses torcedores (jogar paus e pedras) contra agentes do Estado é uma consequência do comportamento dos primeiros, não sua causa. Nesse sentido, podemos afirmar que, em certo sentido, a cobertura do G1 contribuiu para expor os erros de todas as partes.

■ A COBERTURA DO R7

Assim como a FSP, o R7 destacou inicialmente as manifestações dos integrantes das TOs no caderno de esporte, publicando uma matéria sobre o que seria o fascismo e como as torcidas estariam relacionadas com seu enfrentamento. Nessa matéria, o portal também sublinhou a existência de torcidas que se autodenominam antifascistas e que não possuem ligação com as TOs, chamando a atenção para a diversidade de grupos existentes e para a complexidade do fenômeno. Além disso, nela e também em outras matérias, o portal deu voz às TOs, abrindo espaço, inclusive, para a publicação de uma nota de convocação das manifestações em prol da democracia. Além de dar voz a essas torcidas, o R7 deu voz, em outros artigos, às autoridades públicas, como o governador de São Paulo, João Dória, e o presidente da República, Jair Bolsonaro, conforme ilustra o seguinte extrato: “em sua fala, Bolsonaro acusa o grupo de estar por trás dos protestos pró-democracia feitos por torcidas organizadas em São Paulo, no último domingo”.

Como ocorreu nos outros jornais/ portais, os confrontos nas manifestações foram enfatizados: “os manifestantes contra o presidente Bolsonaro arremessaram pedras na direção dos PM. [...] houve, ainda, durante as manifestações, a prisão de alguns manifestantes contrários ao governo de Jair Bolsonaro”. Todavia, a finalidade parece ter sido outra: deslegitimar a oposição ao governo Bolsonaro, apresentando-a como violenta. Não-civilizada. A deslegitimação envolveu, no trecho supramencionado, uma dupla estratégia: primeira, a caracterização dos manifestantes

como contrários ao governo Bolsonaro – e não como “antifascistas” ou “pró-democracias”, como foi feito por outros veículos. Segunda, sua associação a ações habitualmente avaliadas como negativas, como fazer uso da violência contra agentes do Estado.

Em alguns casos, a estratégia da deslegitimação foi reforçada pela da dissimulação. Notemos como, no título subsequente, a participação dos grupos bolsonaristas nos confrontos foi colocada na penumbra: “polícia e torcedores que se apresentaram como movimento antifascista entraram em confronto neste domingo (31) perto de ato pró-Bolsonaro”. Fato que também ocorreu no corpo do texto:

o confronto se deu entre policiais militares e um movimento formado em boa parte por torcedores de clubes de futebol que se apresentou como um grupo antifascista e pela democracia. Os torcedores se concentraram na região do Masp (Museu de Arte de São Paulo), a três quadras do ponto onde ocorria manifestação em apoio ao presidente Jair Bolsonaro, diante do prédio da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo).

Aqui, é importante sublinhar que somente no fim da matéria somos informados que, na verdade, o confronto foi iniciado por desentendimentos entre os manifestantes dos dois lados. Importante sublinhar, também, o uso do verbo pronominal “se apresentaram” – que contribui para criar uma distância entre aquilo que os torcedores dizem que são (“movimento antifascista”) e o posicionamento do portal sobre eles.

DISCUSSÃO

A partir da análise das matérias selecionadas, podemos afirmar que a nossa hipótese inicial de que a “grande mídia”, no contexto das manifestações, teria reformulado seus discursos sobre as TOs se confirmou apenas parcialmente. Por um lado, parte das matérias associou, direta ou indiretamente, seus integrantes-manifestantes ao exercício da cidadania. Essa associação rompeu com os discursos midiáticos predominantes sobre as referidas torcidas, que adotam uma narrativa estigmatizante, que faz uso de metáforas que as constroem como uma patologia, que deve ser eliminada do universo do futebol (LOPES, 2013; 2018; 2020). Nas matérias analisadas, os referidos integrantes não foram construídos como “excrescências”, como um “vírus”, um “câncer”, enfim, como um agente irracional e destrutivo, mas como aqueles que defendem a liberdade e a democracia. Em outras palavras, foram humanizados e suas ações, até certo ponto, celebradas, como no caso do artigo assinado por Juca Kfoury. Trata-se, inegavelmente, de uma mudança de enfoque substantiva.

Essa mudança foi facultada, em parte, por outra: com exceção da cobertura do G1, as lideranças de TOs foram utilizadas como fontes de informação e suas versões sobre os acontecimentos foram consideradas na cobertura dos atos. Além de ajudar a expor os eventuais erros de outros atores na condução desses atos, como os da PM, esse procedimento permitiu que apresentassem suas tentativas de aproximação e diálogo com torcidas rivais. Essa apresentação contribui para desconstruir a ideia-feita de que o campo das TOs é fragmentado a ponto de interditar qualquer possibilidade de diálogo entre associações rivais – o que é desmentido por pesquisas em perspectiva histórica (HOLLANDA, 2009; CANALLE, 2020), que indicam, inclusive, que elas já organizaram entidades representativas.

Por outro lado, a habitual associação entre violência, vandalismo e TOs foi estabelecida em diversos trechos, a despeito do tom mais ameno. Ainda que algumas matérias tenham apelado para uma retórica com uma dimensão melodramática, que ajudou a conferir gravidade aos confrontos do ato de 31 de maio e a convertê-los em moralmente inaceitáveis, não observamos, por exemplo (a não ser em algumas declarações, como a de um deputado bolsonarista), o uso de categorias depreciativas para designar as referidas torcidas, tais como: “bandidos travestidos de torcedores”, “marginais”, “vagabundos”. De qualquer modo, seguindo o modelo de cobertura predominante dos conflitos envolvendo TOs, algumas matérias privilegiaram a dimensão visível dos confrontos supramencionados (pedradas, disparo de bombas, feridos etc.) em detrimento da invisível (por exemplo, o trauma causado pela ditadura civil-militar, defendida pelos apoiadores do governo Bolsonaro). Como era esperado, devido ao seu alinhamento ao referido governo, o R7 foi, provavelmente, o veículo mais crítico às manifestações dos torcedores. Seu discurso, todavia, pareceu visar mais à estigmatização da oposição ao referido governo do que propriamente à das TOs.

A polêmica em torno da aglomeração de pessoas em plena pandemia de Covid-19 também contribuiu para revestir a figura dos torcedores-manifestantes com a imagem da irresponsabilidade. Afinal, sua saída às ruas pode – conforme foi destacado em uma das matérias da FSP, por exemplo – contribuir para a propagação do vírus. Por conseguinte, os efeitos de suas ações transcenderiam o plano individual e alcançariam o coletivo. Em última instância, toda a população poderia ser por eles afetada. Esse ponto é relevante uma vez que uma forma de acentuar a extensão e a dramaticidade de um problema social, como uma pandemia, é construir suas vítimas potenciais como qualquer pessoa, que seria “escolhida” de forma aleatória (LOSEKE, 2008). Essa construção igualmente tende a mobilizar suas audiências para a solução do problema, uma vez que, se qualquer um pode ser sua vítima, então elas (ou suas pessoas amadas) também podem ser. Nesse sentido, ao posicionar, ainda que indiretamente, o leitor como uma vítima potencial das manifestações, parte das matérias o estimulou a percebê-las como perigosas e ameaçadoras, encorajando-o a posicionar-se contra sua realização.

Diante do exposto, sustentamos que o processo de construção midiática da categoria “torcedor organizado” não está isento de contradições e ambiguidades. Como buscamos mostrar nas análises realizadas, essa categoria não é fixa, mas relativamente fluída, apresentando diferentes conotações de acordo com o contexto (e interesses do jornal). Essa constatação refuta a ideia-feita – que circula inclusive dentro do campo científico – de que os discursos midiáticos sobre as TOs são homogêneos e sempre desfavoráveis a elas. Ao refutarmos essa ideia, não estamos sugerindo que não exista uma narrativa predominante sobre essas torcidas, que as estigmatiza impondo-lhes os rótulos da violência e da barbárie, como demonstram diversos estudos (LOPES, 2013; 2018; 2019; 2020). Na verdade, estamos apenas chamando a atenção para o fato de que, ao menos no que diz respeito ao objeto desta pesquisa, as produções da “grande mídia” não devem ser tomadas como monolíticas, pois uma mirada mais atenta é capaz de detectar alguns momentos críticos e subversivos até.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANALE, Vitor. **Um movimento em muitas cores: O circuito de relações das torcidas organizadas paulistas entre 1968 e 1988 - Uma história da ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo)**. 2020. 336 f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2020.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

IÑIGUEZ, Lupicínio. Construcionismo social. In: MARTINS, João Batista; HAMMOUTI, Nour-Din El; IÑIGUEZ, Lupicínio (Orgs.). **Temas em análise institucional e em construcionismo social**. São Carlos: Rima, 2002, p. 99-180.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Narrativas sobre violência no futebol: (des)construindo a categoria “torcedor violento”. In: GIGLIO, Sérgio S.; PRONI, Marcelo W. (Org.). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020a, p. 687-701.

LOPES, Felipe Tavares Paes Lopes. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. Curitiba: CRV, 2019.

_____. Futebol, comunicação e ideologia: um protesto da torcida organizada Gaviões da Fiel na ‘imprensa alternativa’ e na ‘imprensa tradicional’. **Revista Alterjor**, v. 02, 2018, p. 137-151.

_____. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 27, 2013, p. 597-612. LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios de São Paulo. **Tempo**. v. 24, n. 2, 2018, p. 207-232.

LOSEKE, Donileen R. **Thinking about social problems**. 2ed. New Jersey: Transaction, 2008.

MURAD, Maurício. **Para entender a violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ROJO, Luisa Martí. A frontera interior – análise crítica do discurso: um exemplo sobre o “racismo”. In: IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis, Editora Vozes, 2005, p. 206-257.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

TORO, Carlos. A. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. 2004. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

VAN DIJK, Teun A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad.

WODAK, Ruth.; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 143-178.

-
- [1] Na verdade, esse número é o resultado das investigações desenvolvidas e coordenadas por um sociólogo específico: Maurício Murad (2012).
- [2] Que haviam se juntado às manifestações na esteira dos protestos ocorridos nos Estados Unidos em função do caso George Floyd: um homem negro que foi brutalmente assassinado, por asfixia, por um policial branco, após este imobilizá-lo no chão e colocar o joelho sobre o seu pescoço.
- [3] Que havia sido candidato à presidência em 2018 e era o nome do PSOL para concorrer à prefeitura de São Paulo em 2020.
- [4] O adjetivo autointitulado também foi utilizado no texto “Juiz proíbe protestos de ‘grupos antagônicos’ na Paulista no próximo domingo”, publicado no blog do repórter Fausto Macedo.
- [5] Tanto é que o próprio jornal afirma defendê-lo – o que não significa, evidentemente, que não defenda posicionamentos vistos por seus críticos como antidemocráticos.
- [6] São utilizadas como fontes o presidente da Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil (Anatorg), um fundador e um integrante dos Gaviões da Fiel, um membro da Galo Antifa e um torcedor autônomo.